

UM TEMPLO PRÉ-ROMÂNICO — A IGREJA VELHA DE MONDIM (PANQUE, BARCELOS)

Por Mário Jorge Barroca

Percorrer as margens do Neiva, limite Norte do concelho de Barcelos, é reencontrar uma das mais belas passagens fluviais de Entre-Douro-e-Minho. Recentemente, alertados pelo P.^o António José Baptista ¹, deslocamo-nos a essas paragens em busca de sepulturas medievais, um tema que nos tem vindo a ocupar nos últimos tempos. A informação que nos fora veiculada reportava-se à existência de «vários túmulos e tampas em estola» na antiga Igreja paroquial de Mondim, hoje abandonada já que a paróquia foi anexada a Panque, a freguesia mais setentrional do concelho de Barcelos. Para confirmarmos os dados que nos tinham sido revelados e efectuar uma análise preliminar dos materiais, visitamos em meados de Maio de 1986 as ruínas desse antigo templo paroquial na companhia da Dra. Teresa Soeiro. Dada a importância que o conjunto arqueológico de Mondim assume no quadro dos materiais para o estudo da Alta Idade Média de Entre-Douro-e-Minho, e tendo em conta as precárias condições de conservação em que se encontra — ameaçados de perto por uma destruição irreparável — não resistimos a dar uma notícia sumária e provisória do que nos foi dado observar.

A história da Igreja Velha de Mondim encontra-se mal documentada. Sabemos que nos fins do século XI o templo de S. Mar-

¹ Ao P.^o António José Baptista, de S. Miguel da Facha, testemunhamos publicamente o nosso reconhecimento pelos elementos que, graciosamente, nos transmitiu.

tinho de Mondim já se encontrava erguido, figurando entre os que integram o Censual do Bispo D. Pedro ², mas ignoramos a data em que foi construído. Pelos restos arquitectónicos que lograram sobreviver até aos nossos dias, cremos que será obra dos fins do século X ou, mais provavelmente, da centúria seguinte. A paróquia e o seu templo voltam a ser referidos, na documentação medieval, nas Inquirições de 1220 e de 1258, incluídos na Terra ou Julgado de Aguiar de Riba Lima, um território de importância secundária e bastante mal estudado³. Pelas Inquirições de D. Afonso II ficamos a saber que *de ista ecclesia dant Domino terre bis in anno cabaaza de vino, et mondas centeas cum cabrito aut cum ij gallinis* ⁴. O templo é ainda referido no Catálogo de 1320-21 ⁵, em 1402⁶, no Numeramento de 1527 ⁷ e em 1528 ». Em data que não conseguimos precisar, mas que seguramente se afasta dos tempos medievais, a paróquia de Mondim ver-se-ia anexada a Panque, tendo o seu templo sido preterido em relação a este e abandonado quando, após ter deixado de possuir culto regular, a memória e a devoção se viram esfriadas. Pela

² Neste documento dos fins do século XI a Igreja de *Soneto Martírio de Mondim* surge-nos taxada com um moio, encontrando-se incluída na Terra de Neiva. Curiosamente, a Igreja de *Saneia Eolalia de Palanqui*, que mais tarde haveria de se sobrepor à de Mondim, não parece ter, por esta altura, uma importância superior, encontrando-se igualmente taxada num moio. Cf. Avelino de Jesus da Costa, *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, vol. II, Coimbra 1959, p. 155 e 127, respectivamente.

³ P. M. H., *Inquisitiones*, p. 46, 129, 192, e 241 (1220) e p. 325 (1258).

⁴ P. M. H., *Inquisitiones*, p. 129.

⁵ Em 1320-21 a Igreja de Mondim, da «Terra do Arcediago de Neiva», foi taxada de 30 libras. A Igreja de Panque, que integrava a «Terra de Aguiar de Neiva», deveria pagar apenas 20 libras, o que parece indicar que nos inícios do século XIV o templo de S. Martinho de Mondim era algo mais importante do que o de Panque. Cf. Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, Nova Edição, Porto 1971, p. 100 e 99, respectivamente.

⁶ Cf. Avelino de Jesus da Costa, *op cit*, 1959, vol. II, p. 156. Todas as referências que aqui apontamos para a Igreja de S. Martinho de Mondim foram já recensadas por este autor, à excepção do Numeramento de 1527.

⁷ Em 1527 as freguesias de S. Martinho de Mondim e de Sta. Eulália de Panque pertenciam ambas ao Julgado de Aguiar de Neiva. No entanto a de Mondim apresentava mais moradores do que a de Panque (trinta a primeira, dezoito a segunda). Cf. Anselmo Braamcamp Freire, *Povoação do Entre Doiro e Minho no XVIº século*, «Arquivo Histórico Português», III, Lisboa 1905, p. 269.

⁸ Cf. Avelino de Jesus da Costa, *op cit*, 1959, vol. II, p. 156.

sua implantação, a meia encosta ⁹, num socalco aplainado, dificilmente poderia competir com a sua rival Panque, localizada nas terras baixas do vale fluvial, onde a fertilidade e a topografia eram mais propícias a atraírem populações. Ainda hoje, a paisagem que se disfruta da Igreja Velha de Mondim se caracteriza por um povoamento disperso e rarefeito, enquanto que no vale do Neiva, em torno a Panque e ao longo da estrada, o povoamento concentrado denuncia condições de vida facilitadas.

Após vários séculos de abandono, o que hoje se pode visitar da antiga Igreja paroquial de Mondim são desoladoras ruínas de um pequeno edifício cristão, onde se registam diversas fases construtivas que nunca conseguiram encobrir a pobreza que estigmatava a sua comunidade paroquial. Com o avançar do tempo o tecto viria a abater-se, os muros foram-se desmontando, o seu recheio seria progressivamente esvaziado, o seu adro foi lentamente aterrado, acabando essa elevação da cota do solo por atingir igualmente o interior do espaço sagrado. Recentemente, um grupo local resolveu empreender a recuperação de uma romaria que, anualmente, recorda a Igreja de Mondim, iniciando obras de restauro nas ruínas. Procedeu-se então a um importante desaterro mecânico que alargou os acessos ao socalco onde a igreja se implanta e desceu-se a cota de solo até níveis inferiores aos que eram de serventia medieval. Foram estes trabalhos que colocaram à luz do dia importantes vestígios altimedievais que estão na origem desta notúla.

A acção das escavadoras afectou não só parte significativa do adro, onde se encontrava oculta uma importante necrópole medieval, como também acabaria por penetrar no interior do templo, destruindo o seu piso. Ao descer-se a uma cota inferior à do nível de ocupação medieval, a segurança dos muros foi posta em causa. Não se soube respeitar a zona de alicerce e, nalguns pontos, o templo encontra-se hoje suspenso em frágeis «muretes» de terra, que as invernias não terão grande dificuldade em desmontar. Assim, as obras de terraplanagem empreendidas em 1986 vieram não só empobrecer significativamente os resultados de uma eventual intervenção arqueológica, como tam-

⁹ Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25.000, Foiha 55. Implanta-se a uma cota média de 170 metros e tem por coordenadas geográficas: W-0° 32' 00"; N-41° 37' 32".

bém colocar em perigo todo o conjunto arquitectónico que, embora bastante pobre, conviria salvar.

A Igreja Velha de Mondim apresenta um espaço definido pela justaposição de dois rectângulos: um, ligeiramente menor, correspondente à Capela-Mor, e outro, algo mais largo e bastante mais profundo, o da Nave. Trata-se de um edifício de planta singela, de nave única, uma solução que tanto sucesso viria a alcançar no Românico rural de Entre-Douro-e-Minho, e cujas raízes remontam aos tempos pré-românicos. O exemplo da Igreja Velha de Mondim veio associar-se a outros casos já conhecidos, como primeiro testemunho da afirmação de uma espacialidade que seria tão do gosto das populações do Noroeste de Portugal. Para além de Mondim, poderiam ser aqui evocados os casos da Igreja de S. Torcato (Guimarães) e da Igreja Velha de Lagares (Penafiel)¹⁰. A planta de Mondim apresenta, no entanto, alguns desvios axiais importantes, já que os seus muros nem sempre se articulam em ângulo recto. O carácter modesto e popular desta edificação fica, uma vez mais, sublinhado. Não cremos que esses desvios possam ter alguma simbologia, como pretendeu Juan Rais^H, mas que, pelo contrário, resultam do cariz eminentemente popular dos artistas que ali trabalharam.

Os seus muros, embora tenham sofrido diversas obras ao longo dos séculos em que o templo esteve ao serviço, registam ainda, sobretudo na parede Leste da Capela-Mor (Fot. 2), o típico aparelho construtivo pré-românico, talvez um pouco remexido em épocas mais recentes. Aí encontramos grandes silhares con-

^D No caso do templo de Lagares, onde procedemos a escavações arqueológicas juntamente com os Drs. Manuel Real e Rui Tavares, também se encontra a justaposição de dois espaços rectangulares na definição do espaço sagrado. Ao longo de vários séculos esta igreja sofreu diversas obras que não lhe desvirtuaram esse espaço definido desde o século X ou, mais provavelmente, XI. Apenas se procurou ampliá-lo: alargando primeiro a nave e a capela-mor, aprofundando-a também, e recuando a parede Leste da capela-mor num segundo momento, para a adaptar a um altar de talha dourada. Em Mondim, que talvez tenha passado incólume ao furor construtivo românico, cremos que o espaço se manteve sempre o mesmo. Tal como em Lagares, o templo de Mondim não apresenta qualquer anexo medieval.

^H Juan Rais, *La desviación de los ábsides en templos pre-románicos y románicos*, «Información Arqueológica», 19, Barcelona, Jan.-Abril 1976, p. 8-13. A interpretação de Juan Rais foi alvo de uma análise crítica, nas páginas da mesma revista, por parte de Rafael M. Bofill (*Consideraciones sobre la desviado axial n'alguns templos medievais*, «Información Arqueológica», 23, Barcelona, Jan.-Abril. 1977, p 7-11 j.

vivendo com pequenas pedras sumariamente esquadriadas, numa negação clara da construção isódoma ou pseudo-isódoma. A sua elevação fez-se com a ajuda de silhares de dimensões não regularizadas, tendo de se adaptar em cada instante aos interstícios que iam sendo criados. Nas paredes laterais as obras foram mais profundas e torna-se difícil destrinçar o que sobrevive do primeiro templo. Apesar de tudo, em várias zonas, o seu aparelho é bastante antigo e podem-se identificar numerosas pedras com trabalho pré-românico. As obras mais significativas que vieram alterar o primitivo edifício concentraram-se na fachada principal onde, hoje, se pode observar um arco atribuível ao século XV ou XVI, que substituiu o portal anterior, talvez ainda o original (Fot. 1). A elevação deste novo portal garante-nos que a Igreja Velha de Mondim ainda se encontrava, nessa centúria, ao serviço da paróquia.

Procedente das suas ruínas deu entrada, no Museu Pio XII, em Braga, uma ara romana dedicada a Júpiter, que ali jazia depois de ter estado reaproveitada como pé de altar¹². Na sua face superior, intencionalmente aplanada, foi rebaixado o *loculus* para receber as relíquias, uma cavidade quadrangular com moldura para encaixe da tampa. Quando, no decurso do último ano, se iniciaram as obras de restauro, voltaram a surgir elementos pétreos da primeira construção cristã. Entre eles avulta um segundo pé de altar, este não reaproveitado mas concebido em plena época medieval (Fot. 3). Trata-se de uma peça talhada em granito, um pilar paralelepípedo de secção quadrada, com uma cavidade quadrangular — o *loculus* — destinada a resguardar as relíquias que consagravam o altar. Esta cavidade também possui uma moldura rebaixada destinada ao encaixe da tampa. Não sabemos se esta peça será pré-românica se algo posterior. Aten-

¹² Cf. Cónego Luciano dos Santos, P. Le Roux e A. Tranoy, *Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga*, separata de «Bracara Augusta»\ Braga 1983, p. 6, n.º 1 (Inv., n.º 314).

A utilização de uma pedra de ara romana como pé de altar cristão não é inédita. Recordemos, de entre os vários exemplos conhecidos, o caso da Igreja de Lagares (Penafiel), onde durante os trabalhos de restauro foi encontrada uma ara pagã que fora reutilizada no templo pré-românico como pé de altar. Este monumento foi publicado por Armando Coelho Ferreira da Silva, *Aspectos da Proto-história e Romanização do Concelho de Vila Nova de Gaia e Problemática do seu Povoamento*, «Gaya», vol. 2, Vila Nova de Gaia, 1984, p. 47, nota 21.

dendo a que a ara romana tinha sido reaproveitada com idênticas funções, somos levados a considerar que ela terá integrado o altar pré-românico, sendo este segundo pé de altar necessariamente posterior, talvez românico.

Pela mesma ocasião surgiram vários fragmentos de imposta, com um perfil que se pode incluir dentro da estética pré-românica (Fot. 4). Uma vez que as paredes actuais não se coadunam com a presença de impostas, elas constituem um bom testemunho que a Igreja Velha de Mondim sofreu remodelações importantes, talvez no século XVI, altura em que as obras na fachada principal se podem ter estendido até aos muros laterais, reconstruindo zonas mais afectadas pelo tempo. Dificilmente se poderá pensar que elas pertencessem ao seu beiral, função para a qual não estão adaptadas. Destinavam-se a ficar embebidas nos muros, a meia altura, denunciando-nos que neste templo se adoptaram pilares de secção rectangular, provavelmente sem capiteis. A fotografia mostra-nos, ainda, o tratamento lateral da peça, com uma regularização nas zonas periféricas, destinadas a encostar a outras pedras semelhantes, e com uma área central-inferior deixada sem grandes acabamentos.

Mas, de entre os elementos avulsos recentemente postos a descoberto, aquele que se afigura mais elucidativo em termos cronológicos é um fragmento de ajimez (Fot. 5). Trata-se de uma peça monolítica, em granito, hoje fracturada, na qual ainda se se pode observar um dos arcos completo e parte significativa do arranque do seu segundo arco geminado. Não possui qualquer decoração. Com a descoberta de Mondim o Entre-Douro-e-Minho passa a contar com treze locais onde se recenseiam peças semelhantes, muito embora algumas pertençam a épocas mais recuadas. Nessa situação encontram-se os dois ajimezes calcáreos, finamente decorados, da Igreja de S. Torcato (Guimarães), que serão de incluir no período hispano-visigótico. Talvez seja essa a situação dos ajimezes de S. Frutuoso de Montélios, mas eles carecem de um estudo mais atento que aborde, monograficamente, o monumento e defina correctamente as diferentes fases da sua construção. Cremos que há boas razões para suspeitar que eles pertençam a um período mais avançado, à época da Reconquista e, portanto, ao pré-românico. Sensivelmente contemporâneos do ajimez de Mondim conhecemos exemplares em Vito-

rino dos Piães ¹³, em S. Pedro de Rates ¹⁴, em Ázere ¹⁵, em Lordelo ¹⁶, em Torre (Amares) ¹⁷, em Areias de Vilar ¹⁸, em S. João da Ponte ¹⁹, em S. João de Esporões ²⁰, em Sta. Leocádia de Ge-raz do Lima ²¹ e no Convento da Costa ²². Embora alguns sejam decorados — como os de Lordelo, Torre, Ázeie e S. João da Ponte — a maioria deles não apresenta qualquer tipo de ornamentação.

Por último, registemos o aparecimento em torno da Igreja Velha de Mondim, no seu adro, de vestígios extremamente importantes da sua necrópole medieval. Lamentavelmente, o desaterro efectuado veio delapidar de uma forma significativa a importância arqueológica da estação. Foram destruídas várias sepulturas, quedando outras ainda visíveis. Ao longo da parede Norte da Igreja são ainda visíveis cinco sepulturas populares, concebidas com elementos pétreos avulsos sumariamente trabalhados. Possuem contorno sub-rectangular, estando uma das sepulturas isolada e as restantes agrupadas em dois pares, todas a acompanhar a parede Norte da Nave junto do seu ângulo com a fachada principal.

¹³ Um exemplar, fragmentado mas completo, que se guarda junto da Igreja paroquial, em instalações ocupadas pelos Escuteiros. Um outro fragmento pode corresponder a uma segunda peça, embora não seja tão esclarecedor.

¹⁴ Dois exemplares, valorizados por Manuel Real, *O românico condal em S. Pedro de Rates e as transformações beneditinas do século XII*, separata do «Boletim Cultural Póvoa do Varzim», Póvoa do Varzim 1982, p. 8 e fig. 27.

is Félix Alves Pereira, *O Presbitério de Ázere (Arcos de Valdevez)* «Boletim da Associação dos Archeólogos Portugueses», 5.^a Série, 13, Lisboa 1916, p. 222-225.

¹⁶ Peça que, tal como as que se seguem, se conserva no Museu Pio XII, em Braga. Cf. Fr. António do Rosário, *Breve catálogo do Museu Pio XII*, «Falam Documentos», Braga 1973, n.º 270.

¹⁷ Fr. António do Rosário, *op cit*, 1973, n.º 165.

is Fr. António do Rosário, *op cit*, 1913, n.º 599.

¹⁹ Fr. António do Rosário, *op cit*, 1973, n.º 255 e 256. Pertencem ambos a uma mesma peça. Para além destes dois fragmentos que integram a colecção do Museu Pio XII, conserva-se um terceiro fragmento na Residência paroquial de S. João da Ponte, que deve pertencer à mesma peça, já que ostenta o mesmo tipo de moldura.

²⁰ Fr. António do Rosário, *op cit*, 1973, n.º 564.

²¹ Fr. António do Rosário, *op cit*, 1973, n.º 638.

²² Cf. Manuel Luís Real, *O Convento da Costa (Guimarães). Notícia e interpretação de alguns elementos arquitectónicos recentemente aparecidos*, in «Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada», vol. IV, Guimarães 1981, p. 465 e fig. 13.

As caixas sepulcrais estavam ainda intactas pois foi-nos indicado que apareceram restos de ossos. Nós próprios pudemos confirmar a presença de esquirolas ósseas no interior de um dos sepulcros. Segundo nos informaram no local, quando se procedeu ao desaterro no interior do templo teriam aparecido mais «quatro ou cinco» sepulturas que tinham sido implantadas na zona de transição da nave para a capela-mor, junto do arco triunfal. Ao longo do enorme corte que acompanha o templo por Leste e Sul, num desnível de cerca de dois metros de altura que assinala a passagem da escavadora, encontram-se implantadas oito sepulturas de tipologia idêntica (Foto 6), também orientadas no sentido O-E, obedecendo à recomendação canónica. Estas sepulturas encontram-se, no entanto, a uma cota ligeiramente superior à das anteriormente referidas, o que nos indica que o adro deste pequeno templo comportava duas zonas distintas separadas por um pequeno desnível. A mesma situação foi detectada nas escavações de Lagares, onde a área Leste do seu adro se encontrava cerca de 50 cm acima da cota da restante superfície usada como cemitério. Este facto reflectia-se, em Lagares, na cota das sepulturas medievais, com uma regularidade espantosa. Não sabemos quantas sepulturas terão sido destruídas em Mondim durante os trabalhos de desaterro, mas a julgar pelo enorme amontoado de pedras que se vê a Poente do templo, várias terão sido sacrificadas.

Estas sepulturas de Mondim, definidas por pedras avulsas, podem ser enquadradas no século XI e seguintes. Trata-se de uma moda de enterramento de longa duração, que percorre praticamente toda a Baixa Idade Média, e que alcançou particular sucesso junto das camadas mais populares. Eram moimentos de fácil execução, que não careciam de mão-de-obra especializada, e que permitiam o reaproveitamento de pedras, o que tornava a sua criação bastante acessível em termos económicos. É provável que as sepulturas mais antigas sejam as que se implantam junto do muro Norte da Nave, e que os moimentos que ficaram a descoberto no corte, parcialmente destruídos, pertençam a uma época um pouco mais avançada. No entanto, nas actuais condições não é possível observar convenientemente as soluções tipológicas deste segundo núcleo.

A necrópole de Mondim comporta ainda três sarcófagos monolíticos que sobreviveram intactos e, pelo menos, um frag-

mento de uma outra peça. Um dos sarcófagos completos apresenta uma cavidade interna antropomórfica e não ostenta qualquer decoração. É obra de plena Idade Média, talvez do século XIII, e deve corresponder-lhe uma tampa lisa, monolítica, que actualmente jaz encostada a ele. A face superior desta tampa é levemente facetada, apresentando três planos dos quais os dois periféricos são inclinados. Os restantes dois sarcófagos apresentam decoração nos topos menores, onde foram iconografados elementos cruciformes, e ostentam uma caixa de inumação não--antropomórfica (Fot. 7 e 8). Este tipo de sarcófagos, com caixa rectangular ou levemente trapezoidal, não temos dúvidas em incluir dentro dos materiais atribuíveis ao século XI, podendo, inclusive, ter origem um pouco mais remota. Os exemplares de Mondim, pelo contexto em que se inserem, devem pertencer a essa centúria. Um deles, que já se encontrava visível há alguns anos, apresenta uma cruz patada com pé alto, arrancando do bordo inferior da cabeceira (Fot. 7). A própria tipologia da cruz não deixa lugar a dúvidas. O outro moimento ostenta uma cruz grega patada, sem pé alto, inserta numa moldura quadrada, num motivo que se repete tanto na cabeceira como aos pés. Registe-se ainda um pormenor curioso: no topo correspondente aos pés, junto do ângulo inferior direito da cavidade mortuária, foi realizado um orifício para facilitar o escoamento dos líquidos resultantes da decomposição do cadáver. A abertura deste orifício obliterou, em parte, o braço esquerdo da cruz que decora esse topo (Fot. 8). Esta solução constituía uma alternativa à colocação de cal no interior do moimento, e evitava que se acumulasse um volume excessivo de líquidos. Este sarcófago de Mondim encontra paralelo próximo no exemplar procedente de Manhente que se guarda no Museu Arqueológico de Barcelos, embora este monumento conserve uma decoração mais rica e elaborada, nomeadamente nos laterais, onde se repetiu o tema do topo menor e se incluíram arcos peraltados. No entanto, a familiaridade que une os dois monumentos é notável, revelando uma apetência por temas semelhantes e por um enquadramento idêntico. Pelos dados de que dispomos cremos que ambas as peças se ficaram a dever a um único artista. Para o outro sarcófago de Mondim, a que já nos reportamos, podem-se apontar vários paralelos no Entre-Douro-e-Minho, nomeadamente a arca que se encontra no cemitério de Santa Maria de Abade de Vermoim ou um dos arca-

zes de Vitorino dos Piães. Ambos os sarcófagos de Mondim podem ser incluídos dentro de uma família mais vasta de moimento, cujos componentes têm sido por nós recenseados em variados pontos de Entre-Douro-e-Minho e que serão, em breve, objecto de um estudo mais detalhado. Podemos, no entanto, adiantar que a cronologia genérica deste tipo de sarcófagos pode ser enquadrada nos fins do século X e, sobretudo, no século XI. Um dos aspectos mais interessantes que a necrópole de Mondim veio a revelar foi o da associação de tampas em estola com este tipo de sarcófagos. Que os dois tipos de materiais deveriam ser contemporâneos e pertencer a um mesmo universo de sensibilidade já o suspeitávamos desde há algum tempo. O exemplo de Manhente, com o sarcófago a que nos referimos e fragmentos de uma tampa em estola no adro daquele templo, parecia recomendar esta perspectiva mas podiam permanecer algumas dúvidas. No entanto, em Mondim viemos a encontrar a comprovação. Aos dois sarcófagos não-antropomórficos que ali jazem, um a Poente da Igreja, removido recentemente do seu contexto original, o outro, já deslocado há vários anos, actualmente a Leste do templo, junto do corte deixado pela passagem da escavadora, correspondiam duas tampas em estola. Uma delas, a pertencente a este último sarcófago, também já era visível há vários anos, conforme nos assegura a presença de patine no granito e nos confirmaram pessoas de Mondim. Trata-se de uma tampa em estola de tipo misto, cuja nervura central, em relevo, se bifurca numa das extremidades, enquanto que no lado oposto, correspondente à cabeceira, nos apresenta três ramos (Fot. 9), lembrando deste modo as estolas «antropomorfizadas» da Galiza²³. A sua exposição às intempéries está na origem da erosão que já se começa a sentir. Pelo contrário, a segunda tampa em

²³ Embora distintas do exemplar de Mondim, podem-se incluir dentro deste grupo as tampas de Sto. Tirso de Oseiros (Corufia), Las Cruces, Esclavitud (Coruna), Catoira de Arriba, Catoira (Pontevedra) e La Corticela (Santiago de Compostela). Para o estudo das tampas em estola veja-se Manuel Chamoso Lamas, *Sobre las necrópolis paleocristianas ultimamente descubiertas en Galicia y Portugal*, «Anuário de Estudios Medievales», 2, Barcelona 1965, p. 433-449, e Manuel Nufiez Rodri-guez, *Enterramientos y sarcófagos de la Galicia prerromana*, «Archivos Leoneses», 62, Leon 1977, p. 359-3/9, entre uma bibliografia bastante mais vasta. Ressalve-se que não perfilhamos as propostas cronológicas defendidas por estes autores, embora a sua discussão não caiba nesta pequena nótula. Sobre o assunto voltaremos em breve, de forma mais demorada.

estola, fragmentada mas completa, apresenta-se num extraordinário estado de conservação (Fot. 8), facilitado pelo facto de ter quedado encoberta no subsolo até aos nossos dias. Trata-se de um dos exemplares mais bem conseguidos de todos os que conhecemos para o Entre-Douro-e-Minho, e que totalizam já dezanove exemplares repartidos por quatorze locais distintos²⁴. Apresenta uma nervura central em relevo que se bifurca nas suas duas extremidades, pelo que se pode classificar dentro das estolas bifurcadas duplas. O tema da estola sublinha, neste monumento, o pendor das quatro faces que por ele são delimitadas. O conjunto é cingido por uma moldura periférica simples. A parte correspondente à cabeceira encontra-se assinalada pela presença de uma cruz grega patada, esculpida em relevo junto da bifurcação da nervura central. Neste pormenor ela tem paralelo próximo em alguns exemplares galegos, nomeadamente nas estolas de S. Salvador de Poyo (Pontevedra) e de Santa Eulália de Arano (Rianxo, Pontevedra)²⁵. Da terceira tampa em estola da Igreja Velha de Mondim sobrevive apenas um fragmento, correspondente a cerca de um terço do total da peça (Fot. 10). Provavelmente pertencia a um outro sarcófago de que só resta metade, abandonado junto dos escombros que se amontoam a Poente do templo e que devia ser não-antropomórfico.

A presença do tema da estola decorando tampas de sarcófagos monolíticos é uma das manifestações mais interessantes do período da Reconquista. Embora diversos autores galegos tenham sustentado a inclusão destes materiais no período suevo-visigótico (c. séculos VI-VII), cremos que não restam dúvidas de que as estolas pertencem, na realidade, a um período que se pode balizar entre os séculos IX e os fins do século XI²⁶. O exem-

²⁴ O inventário total das tampas em estola portuguesas, bem como de outros materiais funerários pré-românicos, será incluído e estudado no trabalho que preparamos com vista a ser apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, subordinado ao tema *Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*. Nele se fará um estudo mais detalhado desses materiais.

²⁵ Cf. Manuel Chamoso Lamas, *op cit*, 1965, p. 440 e 441.

²⁶ Também Carlos Alberto Ferreira de Almeida e F. Acuña Castroviejo manifestaram as suas reservas quanto à atribuição deste tipo de cobertas de sarcófagos ao período suevo-visigótico. Cf. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *A propósito de «Galicia Sueva» de Casimiro Torres*, «Gallaecia», 5, Santiago de Compostela 1979, p. 309, e F. Acuña Castroviejo, *A arqueología na obra de Lopez Ferreiro*, «Cuadernos de Estudios Gallegos», XXXII, 96-97, Santiago de Compostela 1981, p. 64

pio da Igreja Velha de Mondim é mais um dado que vem corroborar a nossa perspectiva.

Se tivesse sido objecto de um estudo arqueológico conveniente, a necrópole da Igreja de Mondim poderia ter revelado importantes elementos para o conhecimento dos costumes funerários do homem medieval numa época particularmente interessante: a da mutação que se assiste nos fins da Alta Idade Média. Mondim encerra uma diacronia que começa pelo menos no século XI e que se prolonga pela Baixa Idade Média, como bem testemunha a presença do sarcófago antropomórfico. Idêntica diacronia parece documentar-se nas suas sepulturas mais modestas, feitas com elementos avulsos sumariamente talhados, cuja origem pode remontar igualmente aos inícios do século XI, percorrendo toda a Baixa Idade Média.

No seu conjunto, deve ter sido um núcleo modesto. Carece de elementos decorativos elaborados, e apenas sobreviveram até nós fragmentos das impostas, com uma singela modenatura. O templo pré-românico de Mondim seria, provavelmente, simples e desprovido de grandes requintes decorativos. A sua edificação ficou a assinalar um dos momentos de maior prosperidade daquela comunidade paroquial, o que é sublinhado pela presença de sarcófagos e estolas do século XI. Pelos elementos de que dispomos, as obras que se verificaram ao longo da Baixa Idade Média em pouco lhe terão alterado o espaço e a traça inicial, limitando-se a pequenas intervenções de restauro e manutenção. Foi necessário atingir-se os inícios da época moderna para que uma intervenção de maior vulto lhe desfigurasse o portal principal (ainda o pré-românico?), a fim de se introduzir um novo arco, atribuível ao século XV ou XVI, mais condizente com as normas estéticas então em voga. Mas mesmo esta derradeira intervenção não parece ter-lhe alterado o espaço global. Pena é que, com o actual projecto de recuperação daquele espaço sagrado, esteja planeada uma ampliação da área dedicada ao culto, o que implicará um desmonte total das ruínas e a sua definitiva adulteração. Embora não ostente grandes rasgos artísticos, as ruínas de Mondim mereciam um destino mais à altura da sua real importância arqueológica e histórica. Dentro do fragmentário panorama do pré-românico de Entre-Douro-e-Minho, onde a maior parte dos testemunhos desta época se preservam fora de contexto, o caso de Mondim não deixa de ser digno de relevo.

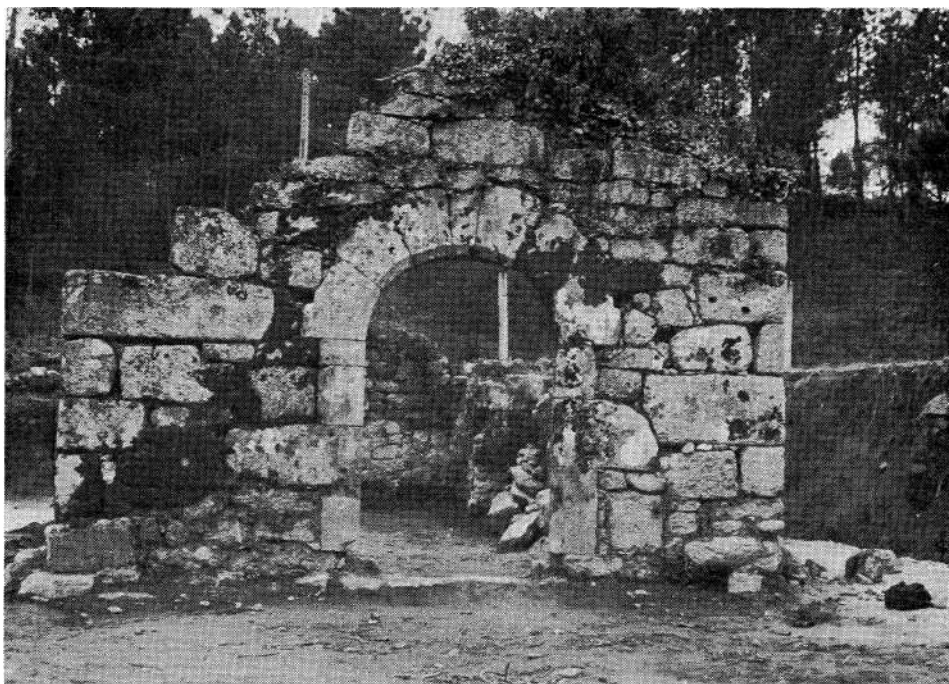


Fig. 1 — Fachada principal da igreja velha de Mondirn.



Fig. 2 — Aspecto da parede leste da capela-mor.

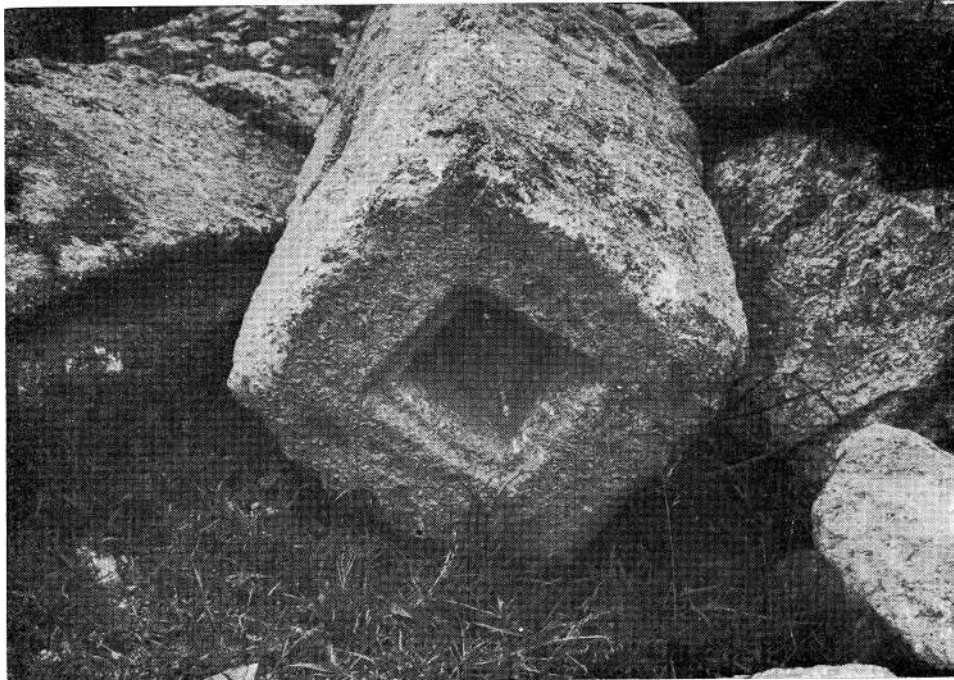


Fig. 3 — Pé do altar com *loculus* rebaixado.

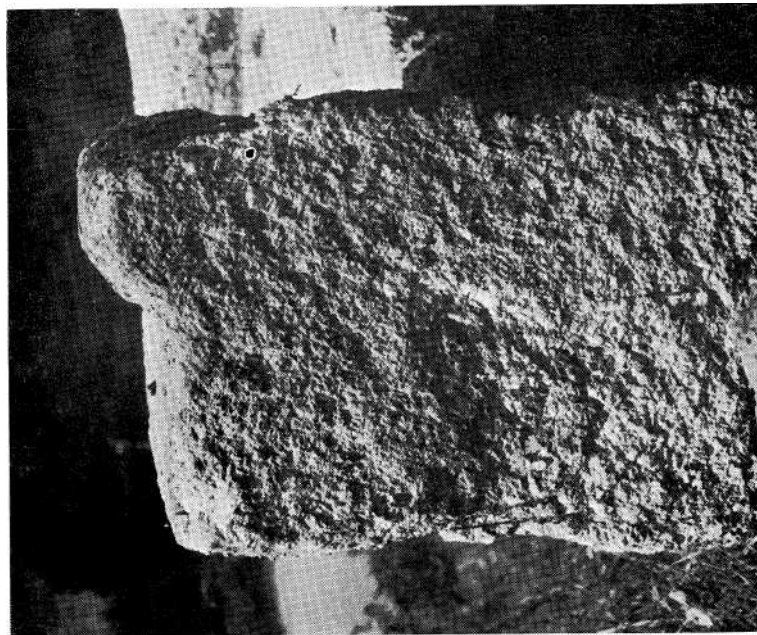


Fig. 4 — Perfil de imposta pré-românea.



Fig. 5 — Fragmento de ajimez.



Fig. 6 — Aspecto geral da ocrópole, a nordeste do templo.



Fig. 7 — Sarcófago pré-românico com cruz de pé-alto.

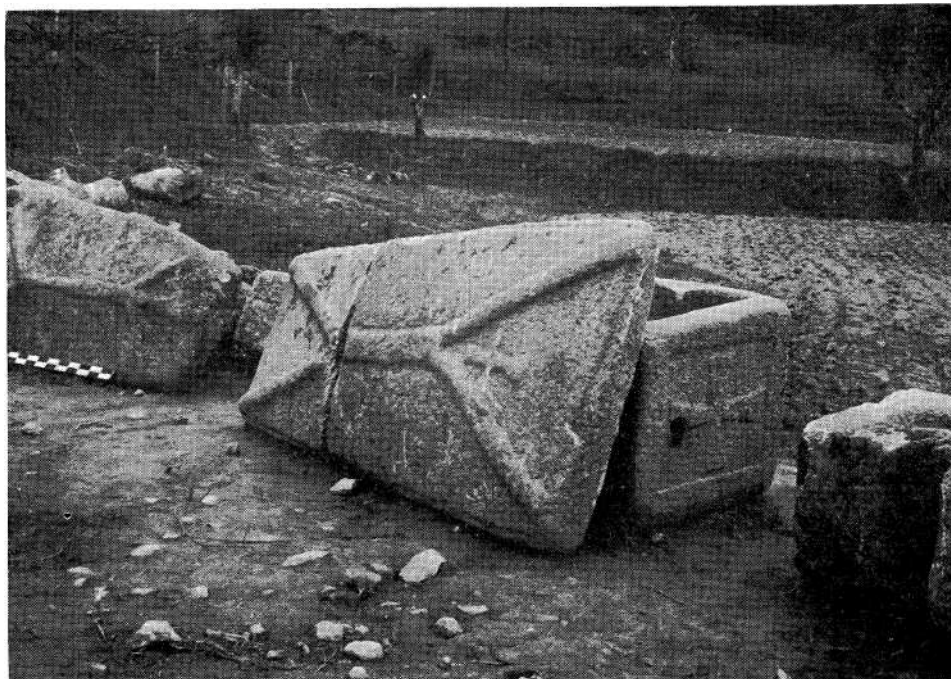


Fig. 8 — Sarcófago pré-românico com cruz patada e sua tampa em estola.



Fig. 9 — Tapa em estola do sacrófago da fig. 7.



Fig. 10 — Fragmento da tampa em estola.